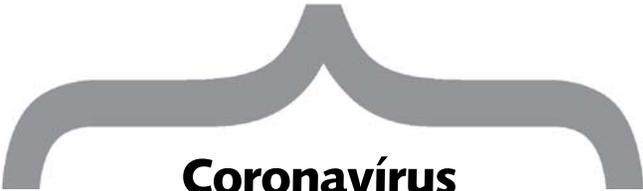


RESENHA



Coronavírus – o trabalho sob fogo cruzado

ANTUNES, R. Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado. Coleção Pandemia Capital. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

Silvia Silva Martins Pinheiro*

Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a doença provocada pelo novo coronavírus como uma pandemia. O alto poder de contágio do vírus e a iminente possibilidade de colapso dos hospitais determinaram a urgência de medidas voltadas para o enfrentamento da trágica situação. A quarentena, o isolamento social, o fechamento do comércio e a proibição de atividades consideradas não essenciais passaram a compor o conjunto das principais estratégias direcionadas à contenção da epidemia e das suas graves consequências. A crise sanitária gerou impactos profundos na economia e afetou drasticamente a classe que depende do trabalho para sobreviver numa escala global.

Este cenário estimulou o debate acerca da centralidade do trabalho em nossa sociedade e das condições de vida da classe trabalhadora, a qual se encontra num contexto marcado pela crise estrutural do capitalismo, pela profunda supressão dos direitos sociais, pela flexibilização das leis trabalhistas e pelo neoliberalismo. Com o intuito de promover uma análise crítica em torno da crise sanitária e sua relação com sistema capitalista e refletir sobre formas e possibilidades de transformação da realidade, o sociólogo e professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Ricardo Antunes, elaborou o ensaio intitulado “Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado”. A obra integra a série especial de e-books, lançada pela Boitempo em 2020, denominada Pandemia Capital.

* Formada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ) 2015. Pós-graduada em Curso de Especialização em Políticas Sociais e Interteritorialidade vinculada ao Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF) e Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) em parceria com a UNIRIO. Área de Concentração: Infância e Adolescência. Mestranda e Bolsista CNPq pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - 2020. E-mail: silviapinheiro.07@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8048-4639>.

O livro está estruturado em cinco capítulos. No primeiro deles, “O mundo às vésperas da pandemia”, Antunes analisa como a crise econômica do capitalismo somada à crise sanitária do novo coronavírus apresentaram um quadro devastador para a classe trabalhadora. Neste cenário, além da alta taxa de mortalidade global, constata-se um significativo aumento do empobrecimento, da miséria, do desemprego e da informalidade. O autor ressalta que mesmo antes da pandemia a classe trabalhadora já se encontrava numa situação desfavorável.

No Brasil, país marcado pela intensa exploração do trabalho e pela profunda precarização, 40% da massa trabalhadora em 2019 estavam na informalidade. No mesmo período, mais de 5 milhões estavam inseridos na chamada uberização do trabalho, ou seja, inseridos nas novas modalidades de trabalho, realizadas por intermédio de aplicativos e plataformas digitais, caracterizadas, sobretudo, pela ausência de vínculo empregatício e de direitos trabalhistas. Engrossam ainda mais as camadas de precarização da vida do trabalhador, a terceirização, o subemprego, o trabalho intermitente, o desemprego. Este panorama apresentado por Antunes o leva a questionar, ao final do capítulo, o que o sistema de metabolismo antissocial do capital tem a oferecer à classe trabalhadora e quais as possibilidades para a superação do edifício do capital.

O segundo capítulo tem como tema “O sistema de metabolismo antissocial do capital: sua normalidade é a destrutividade”. Antunes retoma a ideia de metabolismo social, criada por Marx e aprofundada por István Mészáros, para explicitar a lógica e os mecanismos que atuam sobre o desenvolvimento capitalista. Segundo o autor, o capitalismo é um sistema autofágico, cujas complexas engrenagens econômicas, direcionadas a uma incessante expansão, resultam numa intensa destrutividade que atinge o meio ambiente, as relações de trabalho e a própria humanidade.

Ao retomar o pensamento de Mészáros, Antunes reitera que o sistema de metabolismo social do capital possui uma base estruturante formada essencialmente pelo capital, pelo trabalho assalariado e pelo Estado. Todos esses elementos do tripé funcionam de maneira interrelacional, interdependente. Nesse sentido, a eliminação desta tríade é imprescindível para a extinção do sistema capitalista, cujo *modus operandi* visa sempre a extração de mais-valor, uma expansão contínua e altamente destrutiva.

O potencial destrutivo deste sistema está vinculado à tendência de redução crescente do tempo de vida útil das mercadorias. Antunes explica que quanto menor a durabilidade de um produto, maior será a necessidade de reproduzi-lo, maior será a demanda por exploração de recursos naturais, maior será a utilização destrutiva da natureza pelo capital. O ritmo e a intensidade do processo produtivo são amplificados e destinados prioritariamente a geração de valor e ao acúmulo de capital. A produção social, fundamentada nesta dinâmica, fica subordinada aos interesses capitalistas e relega à um segundo plano as reais necessidades humanas e sociais.

“A pandemia do capital e o desvalor do trabalho” é o título do terceiro capítulo. Nele, Antunes analisa como a pandemia impacta as esferas de gênero, raça e classe e a forma pela qual ela amplifica o quadro de exorbitante desemprego, destruição ambiental, mercadorização da vida. No contexto pandêmico, a força de trabalho tem sido submetida a um crescente processo de desvalorização. De acordo com a Organização Internacional do trabalho (OIT), o segundo semestre de 2020 registrou a perda de 195 milhões de empregos em tempo integral e 1,6 bilhão de pessoas estão na informalidade. Na periferia do capitalismo a gravidade da situação torna-se mais acentuada. Diante deste cenário, o autor questiona como os trabalhadores sob fogo cruzado (informais, intermitentes, terceirizados, uberizados) conseguiriam fazer o isolamento social em condições tão adversas.

O capital pandêmico, termo que abrange a combinação do sistema de metabolismo antissocial do capital, a crise estrutural do capitalismo e a pandemia do coronavírus, possui um caráter amplamente discriminatório e sua dinâmica tende a ser mais cruel com aqueles cuja sobrevivência depende da venda da força de trabalho. Além da classe, o capital pandêmico perpassa pelas esferas do gênero e raça. Segundo Antunes, mulheres brancas sofrem mais que homens brancos, haja vista o aumento da violência doméstica e do feminicídio durante a pandemia. As mulheres negras vivenciam uma realidade ainda mais perversa, pois uma parte significativa dessas mulheres encontram-se em condições de vida e trabalho bem mais precarizadas.

No contexto pandêmico, Antunes assinala que as práticas de home Office, teletrabalho e, no campo da educação, a EAD se converteram em laboratório de experimentação. Todas essas modalidades apresentam uma tendência ao crescimento nos mais variados setores, na atual conjuntura e tendem a se consolidarem num futuro próximo. O autor aponta algumas vantagens percebidas pelo trabalhador, como a não necessidade de deslocamento, melhor alimentação e flexibilização nos horários. Entretanto, ressalta que a desigualdade na relação entre capital e trabalho é muito acentuada.

As novas configurações do trabalho se expressam num grau mais elevado de individualização no trabalho, mais isolamento entre os trabalhadores, menos relações solidárias e coletivas no ambiente de trabalho, enfraquecimento da organização sindical e tendência à eliminação de direitos, salienta Antunes. Somadas as estas características, prossegue o autor, estão o fim da separação entre tempo de trabalho e tempo de vida e a duplicação e justaposição do trabalho produtivo e reprodutivo, com evidente impacto sobre o trabalho feminino, com possibilidade de acarretar o aumento da desigualdade no âmbito da divisão sociosexual e racial do trabalho.

No quarto capítulo, intitulado “Qual será o futuro do trabalho”, é realizada uma análise acerca do que é possível vislumbrar em relação ao trabalho. Nessa perspectiva, a reflexão sobre o equívoco do fim do trabalho

assume um importante papel. Antunes assinala que desde a década de 1970 inúmeros pensadores afirmavam que o trabalho havia perdido sua centralidade, que a sobrevivência do capitalismo não dependia mais da exploração da força de trabalho, da extração de mais-valor. A pandemia, por sua vez, notabilizou o equívoco. Pois, mesmo em um contexto marcado pelo forte avanço da automatização e robotização em praticamente todos os setores da cadeia produtiva, mesmo com todo o maquinário-informacional-digital, o trabalho humano continua imprescindível, pois a riqueza social só existe a partir do trabalho e da geração de valor, conforme assinala o autor.

Segundo Antunes, diante da impossibilidade de extirpar de vez o trabalho (sem trabalho não há riqueza social), o que resta ao capital é engendrar formas de dissipar, fragilizar, assolar ao máximo a força de trabalho. Os mecanismos envolvem a supressão dos direitos trabalhistas, o enfraquecimento dos sindicatos e da justiça do trabalho, dentre outras formas. O trabalhador, neste cenário desolador, encontra-se cada vez mais fragmentado, isolado, desorganizado e tem sua força de trabalho explorada ao limite.

O quinto e último capítulo traz como tema “Um imperativo vital contra um mundo letal: inventar um novo modo de vida”. Nesta parte final de sua obra, Antunes afirma que a luta pela preservação da vida e a construção de alternativas para a superação da crise pandêmica representam uma questão crucial e urgente. O autor reforça a necessidade de pensar o trabalho a partir de uma nova ótica, ou seja, conceber o trabalho como algo estritamente necessário à produção de bens e serviços socialmente úteis e não como atividade subordinada à reprodução do capital.

É imperativo reinventar o trabalho, projetá-lo em uma nova dimensão, de modo que ele se torne sinônimo de atividade livre, criativa, emancipatória e baseada no tempo disponível, destaca o autor. Esta nova perspectiva se contrapõe ao trabalho assalariado e alienado típico do modo de produção capitalista. A reinvenção do trabalho, assinala Antunes, é uma forma de confrontar o sistema de metabolismo antissocial do capital. Nesse sentido, a luta da classe trabalhadora e o fortalecimento dos movimentos sociais tornam-se componentes decisivos para a construção de uma nova ordem societária, pautada na solidariedade, na equidade, na preservação do meio ambiente, na emancipação humana.

Referências

ANTUNES, R. *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*. Coleção Pandemia Capital. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

DOI: 10.12957/rep.2021.60315



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.